



## HÁ MOURA NA COSTA!

NUNO VAZ ÁLVARO\*

\* UNIVERSIDADE DOS AÇORES  
- IITAA

**FIM DA TARDE**, zona balnear do negrito. O sol ainda aquece os blocos de basalto que ladeiam o muro sul da piscina semi-natural cheia de “canalha” a atirar água uns para os outros e a aproveitar a temperatura mais elevada, por via da radiação solar que foi aquecendo ao longo do dia. Em cima dos blocos de basalto, mais próximos do mar encontra-se uma fina cobertura de algas, primeiro vermelhas, junto à água, depois verdes, mais acima na costa onde para além das lapas e lígias encontramos um grupo de pequenos e simpáticos caranguejos que parecem estar tranquilamente a colher productos agrícolas de uma eventual horta à beira-mar plantada. O trabalho parece ser minucioso e exigente em termos de concentração, mas sempre que uma ave ou ser humano se aproxima, rapidamente estes pequenos animais correm a procurar refúgio nas fendas entre as pedras.

Estes animais, de cor negra, com pequenas pontuações brancas ou amarelas sobre a carapaça, são as espécies de caranguejo mais comuns na costa entre marés do arquipélago açoriano. Digo espécies, em vez de espécie, porque são duas, *Pachygrapsus marmoratus*, mais abundante, que atinge maior dimensão (max. 4 cm de lar-

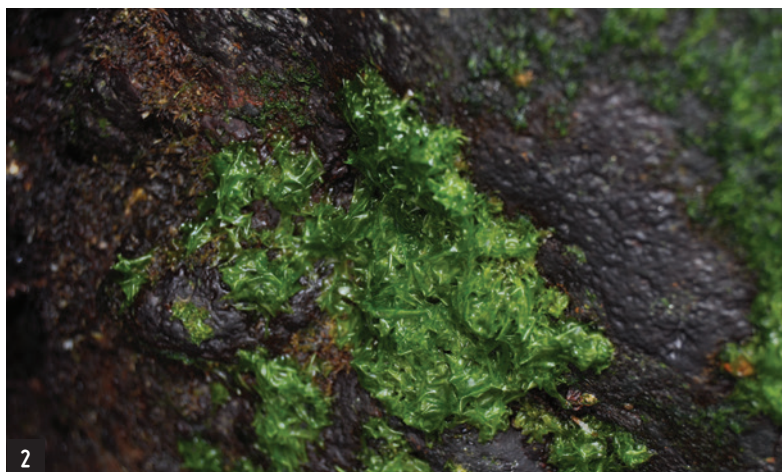
gura de carapaça), menos colorido na carapaça, e *Pachygrapsus maurus*, com tons mais amarelados na carapaça e de dimensões menores (max. 3 cm de largura de carapaça). As duas espécies são facilmente confundíveis, pelo formato e partilha de habitat. No entanto existem pequenas diferenças, para além do tom das manchas na carapaça e suas dimensões, bem como dos marcadores genéticos que distinguem cada espécie. Existem umas pequenas protuberâncias junto ao olho de cada indivíduo cujo número separa *P. marmoratus* de *P. maurus*, o primeiro apresenta três pequenos “dentes” de cada lado dos olhos e o segundo apenas dois (figura 1).

Para além das diferenças físicas entre as duas espécies, existem escolhas de ambientes que, cruzando-se, apresentam distribuições na costa que diferem nos seus limites superior e inferior. Ambas vivem na zona entre-marés, a faixa do litoral que fica exposta ao ar durante a maré baixa e submersa durante a maré alta. Este é um ambiente dinâmico e desafiante, sujeito a variações de temperatura, salinidade, humidade e ação das ondas, onde vivem organismos adaptados a resistir a essas mudanças constantes. A zona entre-marés divide-se geralmente em três



FIGURA 1 *Pachygrapsus marmoratus* e *Pachygrapsus maurus*.

1



**FIGURA 2** Alga verde comestível *Ulva* sp.

**FIGURA 3** Fêmea ovada de caranguejo do género *Pachygrapsus*.

níveis ou faixas principais, paralelas ao nível das águas do mar:

- Entre-marés superior, a faixa mais elevada da zona Entre-marés, coberta pela água apenas durante as marés muito altas, sujeita a longos períodos de exposição ao sol, vento e salinidade variável;
- Entre-marés média, fica submersa e exposta de forma mais equilibrada ao longo do ciclo das marés. É uma zona de transição, onde se encontra uma grande diversidade de espécies adaptadas tanto à submersão como à exposição ao ar;
- Entre-marés inferior, faixa mais próxima do sublitoral (zona permanentemente submersa, mesmo durante a maré mais baixa). Fica coberta pela água na maior parte do tempo e só é exposta nas marés mais baixas. As condições aqui são mais estáveis, permitindo a presença de espécies menos tolerantes à dessecação.

Enquanto *P. marmoratus* consegue sobreviver no Entre-marés superior, *P. maurus* adaptou-se melhor a subsistir no Entre-marés médio e inferior.

Ambas as espécies de caranguejos mantêm uma dieta omnívora oportunista, o que significa que se nutrem de todo o alimento que se apresente disponível, seja este animal ou vegetal. Sendo as algas que vivem nesta zona, o tipo de alimento mais disponível, esperar-se-ia ser este o tipo de alimento preferido por estas espécies. Assim é, os caranguejos do género *Pachygrapsus*, sendo hominívoros, alimentam-se sobretudo das

algas existentes na costa açoriana, com predominância de espécies mais abundantes como a *Ulva*, *Gelidium*, *Polysiphonia*, *Halopteris* e *Chaetomorpha*. Em 2016 efectuou-se um estudo com exemplares, de ambas as espécies, recolhidos na Ilha Terceira, que aferiu as preferências

alimentares em estado selvagem e em laboratório. Numa primeira fase analisou-se o conteúdo estomacal de um grupo recolhido em vários locais na ilha e verificou-se que o alimento mais ingerido era a alga costeira *Ulva* (figura 2). Os dados eram similares para as duas espécies, o que indica uma sobreposição do nicho ecológico, ou seja, uma partilha significativa de recursos e habitats. Esta sobreposição pode intensificar interações interespecíficas, como a competição por refúgios e recursos tróficos, com implicações na estrutura das comunidades bentónicas e na dinâmica populacional de ambas as espécies. Existem, no entanto, pequenas diferenças que sustentam a coexistência destas duas espécies no mesmo habitat e poderão mitigar a competição direta. Como já foi referido *P. maurus* encontra-se em maior abundância na faixa inferior do entre-marés. As suas menores dimensões, relativamente a *P. marmoratus*, aliadas à tonalidade mais amarelada das manchas da carapaça que facilita a sua camuflagem no coberto algal mais abundante, poderão ser uma vantagem adaptativa para encontrar refúgio numa faixa com maior número de predadores, em comparação com *P. marmoratus*, que em adulto atinge maior dimensão, tornando-o um alvo mais identificável. Por outro lado, *P. marmoratus*, com tonalidades mais acinzentadas, confunde-se mais facilmente nas faixas média e superior do entre-marés. Os adultos de maiores dimensões abrigam-se em fendas maiores e expulsam os indivíduos mais pequenos, sejam estes da mesma espécie ou *P. maurus*. Estes atributos levam a uma estratificação na distribuição das duas espécies, facilitando a sua convivência.

Não estando no topo das preferências gastronómicas Açorianas, no que toca ao marisco (animais de maior dimensão, como o cavaco, a lagosta e a santola ocupam o pódio), a pressão provocada pelo esforço de pesca, o turismo associado à restauração em demanda diária pelas espécies “mais nobres”, pode ser um veículo para a maior exploração deste recurso, até agora pouco frequente nas ementas dos restaurantes nos Açores, apesar de ser utilizado por muitos açorianos como pequena iguaria caseira, existem inclusivamente relatos de pessoas pegarem em fêmeas ovadas (figura. 3) na costa, comerem os ovos e devolverem os animais de volta ao calhau. Acima de tudo os animais são usados como isco para a pesca amadora, sem haver qualquer tipo de controlo sobre este tipo de exploração de recurso, uma das razões pelas quais que é importante continuar a investigação acerca destes pequenos invertebrados, particularmente importantes na manutenção das costas açorianas.

Esqueci-me de explicar o título do texto. **Moura** é um dos vários nomes comuns atribuídos a este género nos Açores. Há moura na costa e felizmente em abundância!

